

nunca  
fomos  
tão  
tricolores

p.r. andel & cronistas reunidos

**VILAREJO**

# NUNCA FOMOS TÃO TRICOLORS

Argumento original  
Paulo-Roberto Andel

Um manifesto de  
Claudia Barros - Edgard FC - Thiago Muniz  
André Horta - Marcelo Savioli - Marcelo Diniz  
Daniel Morales - Fábio Côrtes - Flavio Souza  
Tarciso Tertuliano Paixão - Rafael Bosisio

Vilarejo MTD, junho de 2024

## INTRODUÇÃO

Ao longo de sua história de 122 anos, o Fluminense conseguiu muitas vitórias e títulos, enquanto viu crescer a torcida com o senso crítico mais apurado dentre os grandes clubes brasileiros.

Não há tricolor que não tenha comemorado o bicampeonato carioca em 2022/23, a Copa Libertadores em 2023 e a Recopa Sul-americana em 2024. No entanto, ao mesmo tempo em que o time tricolor não vem fazendo uma temporada condizente com o cinturão da América, as jovens revelações da equipe são subestimadas em favor de uma verdadeira legião de jogadores veteranos, e os problemas financeiros são visíveis. E o senso crítico, outrora tão valorizado, é cada vez mais deixado de lado por discursos da internet que beiram o terraplanismo.

Neste libreto, os cronistas da equipe PANORAMA LARANJAL debatem os primeiros cinco meses de 2024 na temporada do Fluminense. Afinal, o que aconteceu com o campeão da Copa Libertadores 2023?

# NUNCA FOMOS TÃO TRICOLORS

Edgard FC

É notório que o dia quatro de novembro de 2023 será lembrado eternamente pelos corações tricolores, tenham eles vivido ou não aquela noite gloriosa da conquista da América do Sul liberta. As cenas, jogadas, gols, seguirão emoldurando nossas retinas banhadas de lágrimas verdadeiras.

Porém, o Fluminense, que sempre teve a vocação para a eternidade, é muito maior que qualquer certame do qual participe. Tendo sido fundador do principal campeonato estadual do país, além do primeiro estádio de futebol das Américas, que abrigou a Seleção Brasileira em seu debut no futebol.

Se o hino nacional fala em berço esplêndido, eis o que é o Fluminense Football Club para o nosso futebol brasileiro, não importa o que dizem por aí os recalçados e desajuizados.

Mas algo que acontece como prática insolúvel e intragável nas entranhas do clube, está sempre sobrepondo as glórias e o cotidiano esportivo, que muito bem poderia ser de excelência, dado a grandeza histórica do pavilhão que guarda as três cores que traduzem tradição.

Os arranjos costumam ser outros, eles andam assim de viés, rolam dos vestiários, passando por salinhas e encontros a portas fechadas, à meia luz. São recorrentes os expedientes nada fidalgos nos bastidores do enorme volume de negócios, no mínimo indecentes, decorrentes e provenientes de gestores muito pouco urbanos, por assim dizer.

Se dentro de campo é mais fácil mexer a fim de esconder o que se trama nas coxias, também convém dizer que, mesmo as danadinhas deixam vaziar uma ou outra cor, voz e demais traços que conotam pistas de atrações indesejáveis.

O desarranjo idealizado por Fábio Egypto – mentor holístico do atual ocupante do cargo de presidente do nosso combalido clube – vem soterrando o Fluminense de Preguinho, Marcos de Mendonça, Waldo, Castilho, Guinle, Schwartz, Fischel, Horta, Edinho, Super Ézio e tanta gente que pariu um Fluminense imponente, glorioso, chavoso e determinado, obstinado também.

Recortando o atual século, logo após a dobradinha com a Unimed, o Fluminense vem se perdendo na personagem, talvez até sua identidade, sobretudo o grosso de sua torcida, que parece ter caído no conto *siemsiano*, transformando o clube em um pequeno, como o Fulham lá em Londres, terminando o projeto daqueles que intentaram contra o nosso futebol.

É fato público e notório, como diz por aí, com ar de superioridade oratória padrão Mário Bittencourt, que o time está envelhecido, fazendo valer o principal *modus operandi* dessa gente, que é esconder e esvaziar os jovens jogadores a fim de abrir espaços para veteranos dentro da equipe.

A sanha por contratos, acordos na justiça, comissões e rodagem financeira vem sepultando a saúde administrativa e gerencial da instituição, culminando com desajustes dentro das quatro linhas, evidenciando um modelo de jogar cansado, dependente dos brilhos esporádicos de craques e da correria estrondosa dos poucos jovens, que equilibram os pratos dessa loucuragem esportiva.

Esse trabalho, que reúne artigos analíticos e profundos, visa fazer uma radiografia, diria até uma ressonância, de como tem sido este (nosso) Fluminense dos últimos meses, anos se quisermos aprofundar o debate pois, se por um lado, vencemos a Glória Eterna e, de algum modo, tivemos um revival de uma década e poucos anos atrás, com as conquistas nacional em 2007, as quase internacionais em 2008 e 2009, voltando a triunfar no Brasileirão em 2010 e 2012, porém, fora do campo, nosso clube encontra-se em estado avançado de necrose.

Um simples golpe de vista nos últimos balanços, usando as faculdades básicas adquiridas por nossos cérebros, evidencia um estado terminal,

provavelmente irreversível, sob o ponto de vista da independência e saneamento básico da organização esportiva.

No afã de exibir plumagens com ares épicos, reiteradas gestões vão derrubando nosso clube do cadafalso mambembe que sustenta a sobrevida institucional, amparada por benevolência das autoridades e autarquias públicas, estas que se mostram incapazes de se mexer em prol de fazer cumprir as leis e normas em vigor da nossa União federativa.

O pior que pode acontecer ao Fluminense Football Club é ele ser arrebatado, com casca e tudo, sob aplausos dos sócios e sócios proprietários, pela mesma gente que escancarou sua cova derradeira, mas antes, arrancado de todos os seus valores, que deveriam ser coletivos, para ganhos pessoais e interpessoais, por um grupelho esperto, encantador de serpentes, com dialética vil, mas que, infelizmente, seduz os incautos, deflagrando o que, certamente, tem sido a maior perda do nosso Tricolor. Não um ou outro jogo, ou torneio, mas sim a do senso crítico de sua torcida, que para muitos sempre foi um sinal de orgulho ímpar, o que, de certa forma, nos diferenciava das demais agremiações futebolísticas de nossas terras.

## O TEMPO DAS DESCULPAS ACABOU

Daniel Morales

No futebol moderno, a intensidade e velocidade são comuns nas grandes ligas de futebol pelo Brasil, pela Europa e pelo resto do mundo. Nos dias de hoje um jogador de futebol tem cada vez menos tempo para pensar em o que fazer com a bola, visto que os marcadores estão cada vez mais rápidos. Por isso, é normal os melhores elencos do futebol mundial priorizarem sempre ter times com uma média de idade que não passe muito dos 25 anos.

Equipes como Real Madrid, Bayern de Munique, Arsenal, Manchester City e outros montam seus elencos visando principalmente montar elencos que aguentem a carga de jogos de uma temporada. Com isso, procuram ter times de média de idade baixa.

Essa introdução, usando como exemplo os principais clubes europeus, é para falar que parece que o Fluminense Football Club vai na contramão do futebol moderno, e não, caro leitor(a), isso não é um elogio.



Se pegarmos o time campeão da América em 2023, temos entre os onze titulares sete jogadores com idade acima dos 30 anos de idade. Fábio, Samuel Xavier, Felipe Melo, Marcelo, Ganso, Keno e Cano. Claro, todos esses nomes, junto dos outros três mais o restante daquele elenco vitorioso, estão para sempre na história do Fluminense, bicampeão carioca e campeão da Libertadores. Porém, após o título inédito contra o Boca Juniors em 2023, parecia claro que o próximo passo da diretoria tricolor para manter um elenco vencedor e que, principalmente, fosse coerente com o estilo de jogo do técnico Fernando Diniz, seria rejuvenescer o elenco para 2024.

Entretanto, o Fluminense fez o contrário e aumentou a média de idade de seu elenco. Das contratações feitas no verão passado, Renato Augusto, Gabriel Pires, Douglas Costa e Felipe Alves possuem mais de 30 anos. Além do uruguaio David Terans que tem 29 e fará 30 ainda neste ano de 2024. Chega a ser irônico que o único jogador que chegou para 2024 dando certo é o jovem Marquinhos, de 20 anos e que, por sua vez, não pertence ao Fluminense - o Tricolor terá que pagar mais de 50 milhões de reais para ter o atleta em definitivo.

Os problemas do Fluminense em 2024 são vários, mas a maioria deles passa por uma falta de planejamento da diretoria tricolor, que além de ter esperado até junho pelo Thiago Silva para trazer um zagueiro no lugar do Nino, fez com que um elenco que já tinha uma média de idade alta ter ficado ainda maior. E isso não se sustenta.

O que tem acontecido no Fluminense neste ano é algo que particularmente eu (não sozinho, mas outros tricolores com quem eu já tinha conversado) temia muito: usar a conquista da Libertadores como um escudo para manter um elenco com uma média de idade altíssima, além das negociações no mínimo questionáveis da gestão atual.

A realidade, meu caro tricolor, é que ter um elenco com média de idade de 30 anos não se sustenta no futebol moderno. E o pior disso tudo é saber que o Fluminense tem condições financeiras e caseiras de ter um elenco, ou um time titular, mais jovem.

As contratações feitas no começo do ano também mostram algo que há tempos já era possível de observar no Fluminense: que o scout do clube é bem previsível, visto que as contratações feitas são na maioria das vezes de jogadores com pouco

mercado por causa da idade e que estão livres. E isso não é de hoje.

Por exemplo, em 2013 o Fluminense vinha do título brasileiro conquistado em 2012. E trouxe, para o ano em que disputaria pela terceira vez seguida a Libertadores, o já veterano e Felipe, ex-Vasco, no apagar das luzes na carreira. Enquanto isso, o Cruzeiro foi ao Coritiba e contratou um tal de Everton Ribeiro, que naquele ano liderou o time mineiro na conquista do campeonato brasileiro. Claro que isso pode parecer a declaração de um engenheiro de obra pronta, mas Everton Ribeiro se tornou um dos melhores meias do futebol brasileiro na última década. Será que o scout do Fluminense já não observava a jovem promessa atuando num clube mais modesto?

Enfim, esse artigo não é para falar do scout do Fluminense e sua previsibilidade, mas para reforçar e principalmente alertar que dificilmente esse elenco cheio de jogadores próximo do fim da carreira fará o Flu a conquistar grandes coisas nesse 2024 e, pior, pode nos deixar de fora da Libertadores de 2025. Isso sendo “otimista” pois hoje o Fluminense está a um ponto da zona do

rebaixamento e somou apenas cinco pontos de 21 disputados.

Será que é só problema do Fernando Diniz? Claro que o novo “Johann Cruyff” (...) tem “ajudado” no péssimo desempenho do time. Mas o principal problema cabe principalmente a quem assina os contratos. E o maior culpado pelo ano ruim do Fluminense até aqui, é de quem contrata e preferiu manter esse elenco bastante envelhecido.

Não sabemos como será o restante do ano de 2024 do Fluminense. Mas para termos alguma chance de conquistar coisas grandes é preciso que aconteçam muitas mudanças. As desculpas de falta de ritmo já acabaram.

Saudações Tricolores.

## VAMOS À REALIDADE

Thiago Muniz

O saudosismo é um movimento literário e cultural que surgiu no final do século XIX e início do século XX, principalmente em Portugal e no Brasil.

Caracterizado por uma forte nostalgia do passado, busca resgatar valores e tradições que foram perdidos ou esquecidos ao longo do tempo.

O saudosismo teve origem em um período de grandes transformações sociais, políticas e culturais. No final do século XIX, Portugal e Brasil passaram por um processo de modernização acelerado, com a industrialização, urbanização e a influência cada vez maior da cultura estrangeira. Essas mudanças geraram um sentimento de perda e nostalgia em muitos escritores e intelectuais, que viam as tradições e valores do passado sendo deixados de lado.

Já no século XXI, Zeca Pagodinho, filósofo e embaixador de Xerém, disse:

*“... Se a coisa não sai do jeito que eu quero/ Também não me desespero/ O negócio é deixar rolar...”*

Presenciamos todo o alvoroço pela chegada de Thiago Silva ao clube, até compreensível por vários fatores, mas olhando as cifras que serão pagas ao jogador (bem altas por sinal!), fico na seguinte reflexão: por que não se investiu para manter Nino, ora?

Thiago Silva possui uma história linda pelo Fluminense, é um dos maiores zagueiros brasileiros dos últimos 20 anos e o maior do clube no século XXI; porém, não tem a mesma vitalidade que o ex-capitão tricolor e deixa dúvidas para um contrato de dois anos, naturais para um atleta de sua idade.

Ter jogadores experientes no elenco é sempre bom não só dentro de campo, mas o fator extracampo conta demais. Porém o Fluminense passou a extrapolar esse conceito ao extremo. O “*Geriatric Home Health*” tricolor está praticamente tomando conta de todo o time titular.

Até onde vão jogar no ralo as joias de Xerém?

Praticamente estão fazendo uma faxina geral em favorecimento de negociações bastante duvidosas, o que faz as finanças do clube cada vez mais irem para o ralo. Está aos pés de jogarem no lixo

jogadores importantíssimos como, por exemplo, John Kennedy e Aleksander.

Onde está a torcida para questionar? Vai continuar sendo esculachada por youtubers-nervosos-boy-lixos-da-zona-sul? Ou vai continuar anestesiada batendo palma para marionetes, enquanto o Flu tem um rombo contábil multimilionário, com uma ressalva de mais de 200 milhões de reais?

Sim, somos os atuais campeões da Libertadores e da Recopa. Foi lindo. Mas e daí? O que estamos vivendo agora?

Vamos deixar a boiada passar e ver o Fluminense indo para o fundo do poço financeiro? E lá na frente então veremos um forasteiro comprar a SAF tricolor e tirar toda a identificação torcida-clube? Isso se for forasteiro mesmo, porque não se pode descartar tramóias dentro de casa...

Para desespero dos lobistas contra Xerém, o nosso celeiro de craques ainda faz a diferença dentro de campo. Como é bonito ver nossos meninos jogando bem e o que é melhor, sem fazer alarde. O pior é que alguns são espinafrados diariamente por marionetes ambulantes do clube, incentivados por aqueles que fazem campanha contra o celeiro de Xerém, em favor de negociatas que não são nem

um pouco vantajosas para o clube, pouco importando a fase do time em campo.

A resposta vem dentro das quatro linhas, no dia a dia. Para os que faltaram à aula do bom senso, a melhor resposta é o silêncio e o trabalho contínuo.

Futebol produtivo se faz em casa. E a nossa casa de craques hoje se chama Xerém. Sempre foi, desde que se criou aquele centro de treinamento, e não serão zumbis comerciantes que destruirão aquele lugar.

Xerém é o templo do nascimento de futuros craques do Fluminense, e continuará assim. Mesmo os que não são craques podem ser muito úteis na composição do elenco tricolor, com retorno esportivo e financeiro muito mais apurado do que de certos “reforços”.

Como disse Caetano Veloso na canção “Saudosismo”:

*“.... Eu, você, depois  
Quarta-feira de cinzas no país  
E as notas dissonantes se integraram  
Ao som dos imbecis...”*

O maior ativo do clube é o seu torcedor. O torcedor do Fluminense em geral é um ser astuto, leva no



coração as três cores que traduzem a tradição. Tem com ele a paz, a esperança e o vigor unido e forte, faz do branco verde e grená do pavilhão o verdadeiro sentido da vida.

O torcedor do Fluminense é tricolor noite e dia, é vencedor por merecimento, tem um time de guerreiros que honra nos 90 minutos pelos gramados as lágrimas e suor de sua torcida.

O Fluminense foi verdadeiro guia e modelo de todos os clubes cariocas. A ele se deve o desenvolvimento do futebol carioca e brasileiro. Que continue a saga de mais de um século e não caia na mesmice da insignificância.

Alô, galera que passa pano: acordem!

## AINDA PODEMOS DAR A VOLTA POR CIMA

André Horta

Quando viramos o ano passado, ainda estávamos ébrios, com as conquistas alcançadas. O 2023 foi fantástico em ganhos desportivos e financeiros. Um futebol bem jogado no início da temporada e muita luta do meio para o fim da mesma.

A vitória épica por 4 a 1 sobre nosso maior rival na decisão estadual foi incrível. Precisávamos reverter um placar de 0 a 2 da primeira partida. E foi um show que vimos no Maracanã, começado com um goloço de Marcelo para iniciar a goleada que nos daria o bi.

Quando começamos a Libertadores, ainda existia um bom futebol. Durou até a grande vitória por 5 a 1, no Grande River Plate. Depois fomos caindo de produção.

Conseguimos sim vitórias magistrais, como as contra o Olímpia no Paraguai e sobre o Internacional na Beira Rio. Chegamos à grande final. Os sortudos que conseguiram ingresso (eu era um deles) vibraram, pois só estavam à

disposição da torcida tricolor 22 mil deles, pois a CONMEBOL que acha que sabe tudo de futebol, assim quis.

No fim, os heróis que lá estiveram nas arquibancadas se juntaram aos do campo, na comemoração da Glória Eterna. Não foi um grande espetáculo, numa final é difícil ser assim. Mas foi um ano perfeito para o Fluminense e pessoalmente para mim. Uma dupla vitória.

Ainda viria o Mundial de Clubes da dona FIFA. Já imaginávamos que chegaríamos à final. Mas quem enfrentamos foi o todo poderoso Manchester City. Era o atual tricampeão inglês e o campeão da Europa. Tarefa difícil não é? Sim, enfrentar uma equipe que era a melhor do mundo há três anos e que tinha (ainda tem) o melhor treinador do mundo, era muito complicado. Acabamos goleados, mas no fim das contas, 2023 foi fantástico.

Passada a competição FIFA, muitos de nós pensamos: “o que será de 2024? O que devemos fazer?”

O óbvio era rejuvenescer a equipe, afinal ficaria um ano mais velha e para continuar competitiva,

deveria haver mudanças. Tínhamos que continuar competitivos. Havia uma Recopa para ganhar, um tri estadual possível e ainda defenderíamos nosso título da Libertadores.

Mas o que veio a seguir foram contratações que envelheceram mais ainda a equipe das Laranjeiras.

De jovens só Marquinhos e Lucumi (que não tem oportunidades) foram os únicos abaixo da casa dos 30 anos a virem. Marquinhos, por sinal, é o único que mostrou bom futebol. As demais contratações se mostraram infrutíferas até aqui.

Renato Augusto, Douglas Costa, Antônio Carlos, Gabriel Pires, Terans e Felipe Alves não renderam nada.

Gabriel Pires, que nunca entra em campo, o incompetente scout indicou. Os péssimos dirigentes foram lá no Botafogo e trouxeram o jogador. Pagou uma nota no Terans. Único uruguaio sem raça na face da terra. Felipe Alves por coincidência, joga em todos os times em que o Diniz é treinador. Agarra nada.

Antônio Carlos, eles acharam que seria o substituto do Nino. Um grande absurdo. Joga

nada e não marca ninguém. Douglas Costa e Renato Augusto, um dia foram bons de bola. Fisicamente não aguentam mais.

A diretoria do Fluminense, que tem os apagados e inúteis Fred e Angioni, sob chefia do manda chuva Mário Bittencourt, erraram tudo até aqui.

Planejamento zero. Com participação, é claro, do “Cruyff das Laranjeiras”. A arrogância que os acompanha e tem um Zé ninguém como Eduardo Barros, para assumir quando o histórico treinador Fernando Diniz está suspenso.

Essa arrogância só nos trouxe péssimos resultados.

A falta de planejamento, fez com que voltássemos antes da hora contra um horroroso Bangu sem necessidade alguma. Conseguimos o título da Recopa? Sim. Foi bom? Sim, evidente. Cada título nos traz prestígio, taça e dinheiro. Mas valeu a pena jogar o estadual fora?

Na minha opinião, não.

Ganhar da LDU, que estava atravessada na goela de todo tricolor foi ótimo. Mas a fraca equipe equatoriana estava iniciando sua temporada

contra nós. Não precisávamos adiantar as coisas. Um tiro no pé. Não precisou de muito para vencermos, apesar da cera irritante deles. Planejamento para ganhar competição de dois jogos é simples. Meteram os pés pelas mãos.

Jogamos o tri fora. Não ganhamos um tricampeonato há 40 anos. Tínhamos chance. Mas o péssimo futebol e as escolhas erradas do treinador também ajudaram a desperdiçar a oportunidade. Conta o Botafogo colocamos tudo a perder.

Brilhareco aqui, brilhareco ali. Este está sendo o ano do Fluminense atual. Diniz está totalmente perdido. Erra escalação e substituição. Equipe mal treinada. Improvisações absurdas. Um verdadeiro cientista maluco é o nosso treinador. A sua cria, o aprendiz de arrogante, segue a mesma batida.

Cadê as cobranças? O músico e dançarino não consegue fazer, pois não tem competência para isso. E nem moral.

Moral tem para apresentar um balanço furado com rombo de R\$ 100 milhões e enfia entrada de dinheiro que nem aconteceu. Mas está preocupado

com o prejuízo no Maracanã até aqui de R\$ 500 mil...

Agora contratamos o Thiago Silva. Bom jogador, vai ajudar, mas não resolve o problema defensivo. Levamos muitos gols. Jogando mal e mal treinado, será difícil escapar de levar gols nos jogos a seguir. Thiago precisa jogar numa equipe mais jovem. Mas a diretoria empresta seus jovens. Eles poderiam estar aprendendo muito com o Thiago. Uma grande oportunidade de evoluir. Quem não quer jogar ao lado de um cara de alto nível técnico? Levar nas costas Felipe Melo, será complicado.

Mas o presidente está preocupado? Não.

O que quer é aparecer falando em pombo e Neymar. Como se houvesse dinheiro para isso. Não pode deixar de aparecer.

A hora de mudar é agora. Ainda podemos dar a volta por cima. Tem tempo até às oitavas da Libertadores começarem. Mas fica difícil se ficar dando três dias de folga a todo momento.

Cada horizonte é um novo começo.

Está na hora de se levar reinar.

A torcida cabe cobrar.

A glória nos levará aos salões dos vitoriosos.

Teremos ecos na eternidade.

Abram seus olhos e o império cairá.

Saudações Tricolores.



## SÓ TÍTULOS SALVAM O FLU

Marcelo Savioli

Haverá quem diga que o mais importante é que conseguimos nosso objetivo. Primeiro lugar no grupo, quatorze jogos de invencibilidade na Libertadores, quarta melhor campanha da primeira fase e mais alguns milhões na conta. Isso, porém, não nos basta.

Analisando a situação financeira do Fluminense, com base nos demonstrativos financeiros, não consigo deixar de experimentar enorme desconforto. Não é só preocupação, porque estou falando de algo alarmante.

O Fluminense, no ano passado, teve uma despesa total de quase 600 milhões de reais. Sim, é isso que você leu: quase 600 milhões. Como é possível que nossa meta orçamentária de 2024 seja de 520 milhões, se tudo indica que essa despesa vai aumentar esse ano, com a chegada de Thiago Silva e outros tantos veteranos vitaminados?

Não basta vender 120 milhões em direitos de atletas, tem que ser o dobro disso, o que significaria perdermos de dois a quatro pilares da

equipe que sobrevive a essa política suicida do futebol tricolor.

É bom, porém, que o futebol do Fluminense rompa com esse círculo vicioso em que vem entrando, sem que muitos percebessem, desde o ano passado. Qualquer criança de dois anos olharia para o nosso elenco e montaria um time titular temível, candidato a conquistar todos os títulos da temporada.

Mas, se você quer montar o seu, aproveite enquanto há tempo. Não sabemos o que sobrarão depois da janela do meio do ano. Mas não se preocupe tanto. O noticiário já dá conta de que o Fluminense irá ao mercado para inflar nossa folha de pagamento com contratações duvidosas de jogadores com idade avançada.

O sonhado círculo virtuoso corre iminente risco de se transformar num círculo vicioso, numa bola de neve, que pode levar morro abaixo nossa temporada, nossas finanças e, não em tão longo prazo, nossa existência enquanto força esportiva nacional.

Para se ter uma ideia de como é o planejamento financeiro do Fluminense, tivemos déficit de cerca de 20 milhões em 2023. Vocês sabem o que isso significa? Que, somados, recebemos cerca de R\$

240 milhões pela conquista da Libertadores e pela venda de direitos da LFF. Essas receitas foram consumidas pelas despesas.

Você sabe o que isso significa? Que se não fosse a conquista da Libertadores e esse dinheiro da Liga, teríamos tido um prejuízo de mais de 200 milhões no exercício de 2023. Nossa dívida, com isso, estaria na casa de R\$ 1 bilhão.

E o pior de tudo é que você só vende um direito realizável no futuro, como foi a venda dos 20% dos direitos da LFF, se for para fazer um investimento ou para amortizar o passivo, mas esse dinheiro foi engolido pelas despesas, que engolirão o que ainda temos a receber.

Isso bota fim em qualquer esperança que eu pudesse ter na sanidade dessa gestão. O que estamos vendo é a repetição do que presenciamos na segunda metade da década passada, com muita distração, maquiagem, ilusionismo e falsas narrativas. Todos viram no que deu.

Lá, era a cobertura diária da construção do CT, a efeméride Ronaldinho Gaúcho, a maior venda da história e os acordos que reduziam dívidas, mas eram usados para produzir falsa narrativa de superávit no exercício, enquanto a gestão

financeira ia, cada vez mais, comprometendo a sobrevivência do clube.

Eu não quero estragar a alegria de ninguém, mas a verdade tem que ser dita. A história está se repetindo, com cores mais alegres, é bem verdade, talvez com um desfecho que contrarie as tendências, mas eu temo pelo que vai encontrar o próximo Abad, o que assumirá o que sobrar do Fluminense em 2026.

Nosso único final feliz possível é um crescimento econômico capaz de frear, de alguma forma, esse endividamento, o que passa pelas mãos de Fernando Diniz e da nossa torcida, que precisa ter consciência da realidade e lotar o Maracanã em todos os jogos daqui para frente.

Só títulos e mais títulos nos salvarão até o final dessa gestão. Uma gestão que confia na sorte e não no bom senso. Que se diz austera, mas tal afirmação não sobrevive a um exame minimamente capacitado.

Que pelo menos o Diniz nos devolva o futebol brilhante que esse elenco ainda pode proporcionar se escalado corretamente.

Saudações Tricolores!

## CINQUENTA ANOS DEPOIS

Paulo-Roberto Andel

1

Eu torço pelo Fluminense há 51 anos.

Neste 2024, estou comemorando 50 anos de presença nas arquibancadas.

Do distante 1974 para cá muita coisa mudou.

Por exemplo, naquele meu tempo de criança o Fluminense tinha uma sede de conquistas que se acumulavam. Só para se ter uma ideia, lembro que o Fluminense foi campeão em 1969, 1970, 1971, 1973, 1975, 1976 e 1980, isso sem contar importantes troféus internacionais daquele tempo, casos do Torneio de Paris em 1976 e da Taça Teresa Herrera em 1977.

Para os garotos das gerações seguintes, nem sempre foi fácil. Por exemplo, se levarmos em conta os últimos 40 anos, o Fluminense teve duas estiagens que fogem completamente à rotina do clube. A primeira delas entre 1986 e 1994, a

segunda de 2013 a 2021. Tirando a seca em si, ambas têm características semelhantes e distintas. Em comum, diversas gestões absolutamente desastrosas e até quem quisesse extinguir o futebol do clube. A distinção ficou pelas trajetórias: enquanto a primeira mostrava que, mesmo sem dispor de grandes recursos econômicos, o Flu montava times competitivos e que disputavam títulos, na segunda (com muito mais dinheiro) a tônica foi de lutas contra o rebaixamento, com mínimo brilho na efêmera Primeira Liga em 2016 e na final do campeonato carioca de 2017, garfado na final contra o Flamengo.

O Fluminense só voltaria aos pódios a partir do Campeonato Carioca de 2022, a seguir tendo sucesso com o bicampeonato em 2023 (que não acontecia há 39 anos) e com a sonhada conquista da Copa Libertadores da América. Contudo, apesar dos títulos recentes, o Tricolor dá sinais claros de desconfiança sobre o futuro.

Ok, é preciso ter cuidado na hora de comparar as décadas. Afinal, as coisas mudaram, o futebol de hoje é muito mais envolvido com o business e o marketing do que antes, diferente de como era disputado antigamente, muito mais baseado no

talento individual e na técnica dos times. Mas às vezes eu me sinto incomodado demais. É como se o Fluminense fosse ao mesmo tempo um corpo com duas cabeças: é o time campeão da América e simultaneamente um clube completamente corroído por conta das tenebrosas transações que o cercam há tempos. No mesmo ano em que bateu seu recorde de arrecadação na história, o Fluminense produz um rombo de dezenas de milhões de reais que, aos olhares mais lúcidos, não apenas não se justifica como poderia ter sido perfeitamente evitado. Porém, a questão vai além de uma dialética sobre a conquista de títulos versus o preço a ser pago.

Desde o fim da gestão de Roberto Horcades em 2010, as sucessivas gestões do Fluminense trabalharam por mudanças que parecem atender não à coletividade tricolor, mas sim a questões particulares, com reflexos diretos no time, na torcida, no clube e até na imensa internet do Flu. Até o jeito de torcer na arquibancada foi afetado de modo a agradar a conjuntura política de ocasião. E talvez o maior patrimônio das arquibancadas tricolores tenha sido condenado à extinção.

Durante muitos anos, com as eventuais exceções durante mais de um século de trajetória, o

Fluminense ajudou a moldar todos os alicerces do futebol brasileiro. Criou os campeonatos, os regulamentos, a torcida, a rivalidade, a Seleção Brasileira e a Copa América. A organização do Fluminense era tamanha já em seus primeiros anos que atraiu a atenção do principal cronista do país, João do Rio, para cobrir uma tarde nas dependências do clube. Com um currículo desses, o Flu passou também a atrair torcedores ligados à classe artístico-intelectual como nenhum outro no futebol brasileiro, um recorde que se mantém até os dias atuais e que muito estimulou o senso crítico da nossa torcida. Não é à toa que o clube se envolveu, direta ou indiretamente, em causas tão grandiosas como a luta do Brasil na Segunda Guerra Mundial e movimentos de politização da arquibancada como o Jovem Flu (não confundir com a organizada) em pleno AI-5 na ditadura militar. É tão somente o fato de que o universo Fluminense era também um espaço de convivência da intelectualidade do Rio. Nossa torcida sempre foi sensata, crítica e também apaixonada, pelo menos até alguns anos atrás. A paixão permanece, mas a crítica anda prejudicada e a sensatez virou raridade, infelizmente.



2

Depois de muito penar a partir de 2013, o Fluminense passou seu calvário até 2022 e então veio o bicampeonato carioca, importante ao extremo mesmo que a competição já não tenha o peso de outrora. Nas outras frentes esportivas fizemos praticamente figuração, com exceção da vitoriosa Libertadores 2023, uma verdadeira obsessão para a maior parte da torcida tricolor desde a edição de 2008. Ficou um grande trauma para trás. Ok, mas o que fazer a seguir?

3

Era sabido o desnível do futebol sul-americano diante do europeu, sem sombra de dúvidas. Agora, por mais que se tente relativizar o processo, é impossível não perceber o verdadeiro banho a que o Fluminense foi submetido pelo Manchester City. Um verdadeiro nocaute sem dó, mas a maioria deu de ombros dizendo uma frase que já se tornou célebre: “Dane-se: o que importa é que vencemos a Libertadores!”. Pensando bem, não é o tipo de argumentação que deveria valer para a torcida com o maior senso crítico do país. Vida que segue.

Não deixa de ser curioso que, numa correspondência enviada aos sócios em maio de 2024 junto com a (inacreditável) publicação do balanço do clube, o mandatário tricolor tenha dito exatamente o seguinte:

"Nosso 2023 foi um ano especial. Chegamos ao nosso objetivo de conquistar a América antes do que imaginávamos quando começamos essa jornada, em meados de 2019. Olhar para as taças internacionais agora eternizadas em nossa história é ainda pouco para descrever os avanços obtidos. Entre eles, o equacionamento da grave situação institucional que encontramos no **Fluminense** e que nos comprometemos a reverter. Esse tem sido objeto do trabalho incansável de nossas equipes nos últimos anos. As demonstrações financeiras que apresentamos agora são uma materialização desse esforço."

De cara, ficamos sabendo que o presidente não levava fé na conquista do título da Libertadores 2023, conforme suas próprias palavras. Mas se olharmos os dados do balanço, contrastado com o parágrafo acima, fica difícil relacionar uma coisa com a outra. Não apenas o Fluminense não equacionou dívida alguma, como literalmente arrombou suas contas e publicou um balanço que,

se fosse de uma empresa S.A., teria seu Conselho de Administração e presidente demitidos no ato. Trata-se de um verdadeiro descalabro contábil o que foi praticado no exercício de 2023.

Mas afinal, o Fluminense precisava arrombar suas contas em dezenas e dezenas de milhões de reais pela conquista da Libertadores e da Recopa?

4

Oito de junho de 2024.

O fato é que, desde o ano passado, o Fluminense perdeu seu futebol. Ele já não vinha na sua melhor fase, mas ela foi suficiente para garantirmos a conquista do título continental - com talento, garra e também muita, mas muita sorte, exibida desde a primeira fase em partidas como a contra o The Strongest, no Maracanã, passando na fase final por Argentinos Juniors, Internacional (nos dois confrontos) e até mesmo na final diante do Boca Juniors. É claro que o Fluminense não foi um campeão somente com a sorte, é lógico, e demonstrou predicados suficientes para o título. Agora, que contou com

muita sorte, até os mais lunáticos devem concordar.

Daquele 04 de novembro glorioso para cá, nós não acertamos mais o pé. Não há uma única partida até aqui - e eu repito, estamos em junho de 2024 - que o Fluminense tenha conseguido jogar bem o tempo todo nessa temporada. No máximo se limitou a um ou outro tempo de partida. Na maior parte delas, não jogou bem, mas conseguiu lutar, fazer gols e até vencer. Escapou de perder e ser goleado em várias, até recentemente diante do modestíssimo Juventude no Maracanã.

Quando se questiona o momento atual do time tricolor, especialmente na internet, uma coisa é certa: imediatamente vem a réplica de torcedores muito irritados, com sete pedras na mão, repetindo palavras de ordem e frases que foram muito estimuladas em declarações e coletivas do clube, tanto do mandatário quanto do treinador e de alguns jogadores, assim como de parte da imprensa segmentada tricolor, alinhadíssima com a atual gestão do clube, sem contar os chamados influencers, em sua maioria anônimos catapultados à condição de celebridades mas que não fazem jornalismo propriamente dito. “Os contestadores não são tricolores de verdade”. “O

que importa é vencer mesmo que não jogue bem”.  
“O que interessa é que nós ganhamos a  
Libertadores”.

Um caso à parte é o auxiliar técnico Eduardo Barros. Suas manifestações públicas, marcadas pelo desequilíbrio, vão desde xingar torcedores no estádio até sugerir a culpa de um empate nos torcedores que não foram ao jogo, caso do já citado empate com o Juventude no Maracanã. Além disso, Barros já declarou que o treinador Fernando Diniz tem feito uma revolução tática superior à de Rinus Michels frente à fantástica Seleção Holandesa de 1974. Se você, leitor, acha que já era suficiente para uma camisa de força no sujeito, tem mais: ele foi às redes sociais de Tostão para debochar das opiniões do cronista, um dos maiores de todos os tempos, não bastasse ser um campeão mundial de 1970, um torcedor do Fluminense e, mais do que tudo isso, um senhor de idade que merece respeito e compostura. Mas mostrando ser o pateta que é, por que Eduardo Barros fala tanto em público? Simples: seu chefe, o treinador Fernando Diniz, outro exemplo de desequilíbrio, vive sendo expulso dos jogos e acaba ausente das entrevistas coletivas, dando espaço para o carnaval trash do exótico auxiliar.

Uma coisa é comemorar merecidamente a conquista da Libertadores. Outra é aumentá-la de forma desproporcional para diminuir o passado gigantesco que o Fluminense tem desde 1902, como se nada tivesse existido antes de 2023.

Mas há dentro do clube a nítida intenção de se desprezar o passado e só se valorizar o que acontece agora. Claro, porque existe a questão da vaidade das pessoas também, mas principalmente por conta de algum interesse comercial. Pior é quando tentam impor ídolos com base em matérias e falas combinadas, reparem. Às vezes dá muito errado, como a partir de 2016, quando Fred foi para o Atlético-MG. Algum gênio da política tricolor teve a ideia: “Precisamos criar um novo ídolo!”. A escolha tinha a cara de sua gestão; logo, não podia ser pior: Gustavo Scarpa. O resto da história todo mundo já sabe...

Junho de 2024. O Fluminense foi campeão, as pessoas ficaram muito felizes, mas a vida não para em 2023. O time agora tem deixado a desejar em campo, com atuações sofríveis, e baixíssima capacidade de retorno financeiro. Provavelmente

um dos grandes clubes com mais veteranos no mundo em seu elenco (o que significa altos salários e comissões idem a quem de direito), ao mesmo tempo o Flu é uma máquina de produzir jovens jogadores de qualidade, mas que ou são desprezados, encostados ou subestimados em situações inusitadas. Uma completa subvalorização da base que só é rompida em situações muito pontuais, casos de André e Martinelli, por exemplo.

Há anos, certas negociações do Fluminense beiram o realismo fantástico. A grande explosão bateu no balanço de 2023, mas antes disso as anormalidades já eram evidentes, como na odisséia da lateral esquerda que consumiu dezenas de milhões de reais a fundo perdido.

Em geral, muitos torcedores não gostam de falar de finanças dos clubes, talvez porque não percebam o quanto elas são importantes para que o time funcione bem em campo. Aí o caso do Flu. É exatamente o que vem daqui para frente. Vai depender muito do que a gente faz fora das quatro linhas, especialmente na administração - e nesse campo temos errado demais. Seria apenas incompetência ou um plano para dominar uma possível SAF tricolor?

Por sua vez o mandatário do Fluminense, pouco se importando com as questões sobre democracia, já declarou em podcasts que não vê problema caso “queiram conversar” e que haja algum meio de que seja mantido à frente do clube de alguma forma, a partir das eleições de 2025, o que seria impossível pelo estatuto atual. Ou seja, deixa no ar que se houver alguma mudança e se quiserem sua presença, ficaria sem problemas. Pelo visto, sua vida profissional está perfeitamente adaptada ao modus operandi tricolor - algo que só acontece no futebol brasileiro com dirigentes muitos ricos, financeiramente independentes e geralmente com mais idade.

É curioso também que a grande empresa não se interesse por notícias relativas ao rombo financeiro no Fluminense. É um assunto praticamente silenciado, a não ser por parte da imprensa segmentada tricolor - e ainda assim em poucos casos, até porque a atual gestão conta com uma imensa rede de simpatia por parte de sites, blogs e os exóticos influencers.



## O MOMENTO NO CAMPO

Apesar dos pesares, num grupo tecnicamente bem fraco, o Fluminense se classificou para a fase final da Libertadores e agora aguarda seu adversário nas oitavas. É um torneio de mata-mata e onde nem sempre a técnica prevalece, mas o fato é que com qualquer adversário Fluminense terá, tanto nesta quanto nas demais etapas que venha a disputar, uma tarefa duríssima muito mais difícil do que a do ano passado.

Já no Campeonato Brasileiro, o Fluminense precisa se recuperar com urgência. Neste momento, oscila na zona de rebaixamento com seu pior início de temporada desde 2019. O grande problema é que não tem mostrado futebol para se recuperar, as atuações são sofríveis e, é bom que se diga, apesar da paixão dos brasileiros pela Libertadores, o Campeonato Brasileiro é muito mais difícil do que os torneios continentais.

Até aqui pelo menos, o Fluminense enfrentou adversários tradicionais, porém sofríveis na Libertadores, que só será retomada em agosto. É tempo para o time se recuperar tática e tecnicamente falando. Em futebol, muitas vezes as grandes campanhas surgiram num súbito, quanto

menos se espera. Agora, o difícil é tentar enxergar que um time que mostrou muito pouco nesses primeiros seis meses do ano vá, efetivamente, brigar por conquistas no segundo semestre, mas nunca é demais lembrar que, em futebol, o imponderável acontece às vezes.

Tudo pode acontecer.

Diria Tom Wolfe, célebre escritor estadunidense: “O leão e o tigre andando juntos na mesma calçada”.

## A PERDA DA IDENTIDADE TRICOLOR

Vou aproveitar esses dias de (mais uma) folga do time do Fluminense para falar sobre algo que, para mim, é a maior derrota já sofrida pelo Tricolor em seus 122 anos.

A perda da identidade tricolor, que afeta diversos cenários da vivência sobre o clube.

Isso não vem de hoje, mas tem ganhado cada vez mais gente.

Torcedores que têm mais de 35 anos de idade percebem melhor o fenômeno. Afinal, viveram

vários momentos diferentes do Fluminense. O clube, vencedor desde sempre, nos últimos 40 anos viveu duas secas de conquistas, bastante distintas. Entre ambas, o terrível período dos rebaixamentos que, somado, mal passa de três anos – logo, um intervalo minúsculo da história tricolor. E, por fim, a era recente.

Entre 1986 e 1994, o Flu viveu sua primeira grande seca profissional. Contudo, apesar de ter alguns times mais humildes, o Tricolor disputou vários títulos. Não ganhou alguns por azar, pelo merecimento adversário ou ainda pelas arbitragens calamitosas.

Já na segunda grande estiagem, de 2013 a 2021, tirando a efêmera Primeira Liga, o Fluminense só chegou às finais do Carioca, que hoje não tem mais a pujança do passado, embora seja também importante.

Essa última década mudou a percepção histórica a respeito do Fluminense. De time fincado em bandeiras coletivas, muitas vezes em escalações que superavam os nomes individuais, passou a ser a equipe de um homem só – Fred – em todo o seu planejamento midiático. A torcida, multifacetada e dotada de um senso crítico permanente, apurado

em fins dos anos 1970 nas organizadas e muito praticado nas décadas a seguir, passou a ser adestrada pelo que se chama “novo jeito de torcer”, com paixão e apoio incondicionais, sem perspectiva crítica, agora baseada num estranho conceito de “cidadania tricolor” onde quem não fosse sócio do clube recebia praticamente a pecha de pária. As organizadas, fragilizadas publicamente pela inevitável imagem de violência envolvendo alguns de seus membros, passaram a ser satanizadas. A “new order” tricolor era a de uma torcida com marcha argentina, festa permanente e zero crítica a gols sofridos. O torcedor médio se transformou no integrante de uma seita. Apoio incondicional sem contestação. Torcer virou sinônimo de abanar o rabo, literalmente.

Preparado o terreno, o Fluminense não se renovou politicamente na prática, apenas no discurso. O passado deveria ser tratado com desprezo, algo pequeno. Adversários do novo modelo foram expostos à execração pública com o advento das redes sociais. A imagem de austeridade econômica das gestões, que naturalmente nunca passou de uma falácia, foi cada vez mais intensificada com permanente propaganda, geralmente provocada na rede social X, calcada em frases curtas, de efeito,

mas de pouca profundidade. Enquanto isso, claro, a dívida do clube aumentava significativamente.

O ir e vir de jogadores foi uma constante no Fluminense do século XXI. Contudo, a partir da saída da patrocinadora Unimed, o giro de atletas foi cada vez maior, muitas vezes com contratações discutíveis saudadas como se fossem atletas de grande representatividade. Ao mesmo tempo, o aumento constante de litígios judiciais envolvendo jogadores passou a impactar os já combalidos recursos tricolores, aumentando a dívida do clube, ainda mais limitado por não conseguir resultados esportivos expressivos e, conseqüentemente, melhores cotas financeiras em premiações e com a transmissão de TV esquelada por ter sido erroneamente antecipada.

A crise a partir de 2017, com o encurtamento do mandato de Pedro Abad e a antecipação da posse do novo presidente, marcou uma nova época para o Fluminense. Alguns anos depois, viriam alguns títulos, dentre eles a sonhada Copa Libertadores. O maior problema deste sonho está em seus custos, não os estritamente necessários mas os, digamos, incorporados.

A atual gestão do Fluminense vive diversos paradoxos. Ao mesmo tempo em que se mostra como novidade, ela é cheia de nomes do passado tricolor, a começar pelo próprio presidente. Ao mesmo tempo em que ela representa uma breve volta ao brilho dos Estaduais com o bicampeonato 2022/23, além da conquista da esperada Libertadores, também é marcada por retrocessos e aberrações que podem custar muito caro ao clube, literal e emocionalmente falando. Agora mesmo vivemos outro paradoxo: embora esteja classificado na Libertadores 2024 (sem convencer), o Fluminense está na zona de rebaixamento do Brasileiro.

A seca de títulos e a euforia do ano passado têm levado alguns tricolores às raias do delírio psicodélico, comemorando notícias pagamento de salários (?), celebrando as maiores sandices sobre o equilíbrio das contas do clube e até mesmo praticando o negacionismo contábil, no caso do mais recente balanço tricolor divulgado – como sempre, com ressalvas que denunciam a má formação do documento.

Sempre foi possível torcer ardorosamente pelo clube e não deixar de criticar seus equívocos. No entanto, é estimulado o conceito de que quem é

tricolor deve aceitar cegamente toda a pauta chapa branca, e qualquer torcedor bem informado sabe que essa mesma pauta é uma falácia.

Depois da pandemia, havia uma grande sede de volta aos estádios. Mesmo sem disputar títulos brasileiros, o Fluminense tem lotado muitos jogos nas últimas temporadas – e quando o público cai, podem ter certeza: há motivo. Claro, a calhordice que alimenta as redes sociais acaba apontando a torcida como responsável por eventuais fracassos do time, como se ela é que estivesse em campo.

Seguindo o modelo estapafúrdio de desprezar jogadores da base para contratar veteranos com rendimento discutível, mas salários absolutamente polpudos, o Fluminense conseguiu disfarçar essa política por causa de alguns poucos jovens, todos decisivos na campanha da Libertadores 2023: André, Martinelli e John Kennedy, apoiados por Arias e Cano – este, veterano, mas ainda em grande forma. O título tão sonhado serviu de muleta para sustentar uma tese no mínimo contraditória: enquanto os times mais fortes do mundo buscam equilibrar seus elencos com cada vez mais energia e juventude, o Flu foi pelo caminho contrário e aumentou a média de idade do elenco. Como o tempo atlético cobra a conta em

curtos intervalos, não é surpresa entender que o que nos servia há seis ou dez meses perdeu a força. O Fluminense está lento, envelhecido, em slow motion.

O exotismo das teses, muitas vezes bombardeados por influenciadores digitais repetindo um discurso delirante sabe-se a troco de quê, é comprado por muita gente que, por ingenuidade ou mesmo ignorância, não consegue entender que poderíamos ter vencido a Libertadores sem aumentar o rombo do clube em mais de 100 milhões. Nem que é um absurdo vender Jetfé por 2 milhões para contratar Cris Silva e Guga por quase 10 milhões – sem expectativa de retorno financeiro. É bom que se diga: em recente correspondência enviada aos sócios, o próprio presidente admitiu que a conquista da Libertadores veio antes do esperado – ou seja, o elenco caríssimo não foi montado com o intuito de ser campeão. Durma-se com um barulho desses.

A velha combatividade tricolor está temporariamente substituída por um misto de credice e empáfia, onde tudo está sendo feito de maneira maravilhosa quando é sabido que o Fluminense tem problemas gravíssimos de ordem financeira. Vários fóruns já deveriam ter se



mobilizado diante de tal calamidade, especialmente os sócios proprietários que, por fim, assumem as contas em caso da inaceitável, mas possível, insolvência do Fluminense, conforme determina o estatuto do clube. No entanto, entre esses mesmos sócios, há quem defenda a ressalva de mais de 200 milhões de reais no balanço, a começar por um paspalho que, expulso do PANORAMA há anos por incapacidade de convívio social com colegas da equipe, tem como pauta no grupo de WhatsApp destes mesmos sócios uma série de mentiras sobre a nossa equipe e o nosso trabalho – e aqui se vê um caso típico da baixa política do Fluminense: ataques pessoais contra os que não se alinham à gestão de seu coração e emoções diferentes.

Recentemente, as contestações justas sobre as barbaridades do balanço tricolor causaram muito mal estar na base “política” da atual gestão. O que queriam? Que todos se calassem diante de um mar de mentiras, que só engana ingênuos e ignorantes sobre o assunto?

O torcedor comum é tratado como lixo sem reciclagem. O auxiliar técnico do time já desafiou torcedores na arquibancada, o treinador obtuso já teve a coragem de culpar a torcida por insucessos

do campo. Jogadores já enquadraram torcedores; depois não entendem porque perderam idolatria...

O resumo é simples e direto: mesmo que venham os hoje, hoje, improváveis títulos, o Fluminense está sendo trucidado a ponto de que, daqui a algum tempo, seja feito o anúncio calhorda de que tudo estará perdido se não for aprovada imediatamente uma SAF que, claro, estará alinhada com os objetivos empresariais particulares que hoje cercam o clube e o põem em xeque dentro de campo, com escalações inusitadas e preferências fora da lógica, tudo em nome de minutagens e bônus...

Quem se preocupa com o futuro do Fluminense precisa começar a agir já, antes que seja tarde demais. E para quem acha que está tudo bem porque ganhamos a Libertadores e a Recopa, basta se lembrar de 1996. O Flu tinha ganho o título imortal de 1995 e fez uma campanha espetacular no Brasileiro. Entrou 1996 achando que ainda estava na temporada anterior... E deu no que deu.

Seguimos torcendo, mas não nos peçam para sermos marionetes. Não somos disso.

## O FLUMINENSE É GIGANTE

Marcelo Diniz Gomes

Em 2015, a vinda de Ronaldinho Gaúcho para o Fluminense deu para a torcida tricolor uma leve sensação de que novamente o clube estava de volta ao protagonismo. O embate com o Vasco da Gama pela contratação do craque, que fez história no futebol, foi muito comemorado pela torcida e pelo seu homem forte no futebol naquele momento, Mário Bittencourt.

A estreia de Ronaldinho causou ainda mais furor, e o Fluminense em uma noite pouco inspirada venceu o Grêmio com gol de Marco Júnior, e Ronaldinho iniciou a jogada.

O Fluminense naquele momento visualizava um título brasileiro que, se tivesse êxito, seria o terceiro na década...

Mas logo a carruagem começou a virar abóbora.

A equipe começa a jogar mal, alguns jogadores se sentiam diminuídos com a presença de Ronaldinho

e o craque não performa da maneira que se esperava.

Os dirigentes, mas precisamente presidente e gerente de futebol não conseguem segurar atletas, insatisfeitos com atrasos de salário e uma certa regalia ao craque recém chegado

O time caiu pelas tabelas e terminou o Brasileirão em décimo-terceiro lugar, escapando nas últimas rodadas de um desastre maior.

Desde o ano anterior ao descenso em 2013, que não se consumou graças ao LusaGate, onde o nosso rival rubro-negro e a Lusa Paulista se envolveram em escalações irregulares, o Fluminense até hoje não conseguiu fazer um Brasileirão que venha firmemente disputar o título.

Eu relembrei esses fatos por quê?

O Fluminense de alguma forma, desde então sofre um apequenamento por parte de suas diretorias e com a anuência de uma parte da torcida, que não se permite mais questionar.

O senso crítico da torcida do Fluminense caiu assustadoramente permitindo diversas aberrações nesses últimos dez anos.

Fazendo um exercício de memória e se atendo aos casos mais relevantes, ao mesmo tempo tivemos um sucateamento da nossa base.

Essa base que tem sido também, nesse período, a mola mestra para salvar o clube em todos os sentidos, tanto esportiva como financeiramente.

Vários crias de Xerém saíram do clube, digamos, de uma maneira bem estranha e por um valor bem abaixo do que deveriam.

Vou citar aqui três casos em anos diferentes que são emblemáticos para se ver como a nossa base é muito mal tratada.

O primeiro caso que vou citar aqui é o do jovem João Pedro, que já se destacava muito na nossa base fazendo muitos gols e com convocações costumeiras para a seleção brasileira.

Esse rapaz estreou no profissional em um jogo da Sul-americana de 2019, fez três gols e deu passe para outro na vitória de 4 a 1 sobre o tradicional

Nacional da Colômbia, que recentemente havia se tornado bicampeão da Copa Libertadores da América.

Depois disso o garoto deslanchou e passou a ser peça chave no elenco tricolor, fazendo 37 jogos e marcando 10 gols com a camisa do Fluminense.

No final do ano de 2019 a venda desse fenômeno tricolor foi realizada por 11,2 milhões de euros, uma ninharia se compararmos com as recentes vendas de Endrick ao Real Madrid (73 milhões de Euros) e Vitor Roque, do Athletico ao Barcelona (40 milhões de euros). O jogador firmou sua carreira na Inglaterra, se tornou ídolo no Walford e hoje brilha no Brighton, sendo peça importante no clube, inclusive lhe rendendo convocações para a Seleção Brasileira principal.

Continuando o exercício de raciocínio, temos o hoje jogador da seleção brasileira principal, Evanilson. O jogador nascido no Ceará está hoje com 24 anos e surgiu no Fluminense, sendo titular na última partida da equipe no Brasileirão de 2018. Na sua estreia no profissional, o Fluminense bateu o Corinthians em seus domínios por 2 a 0 e dois gols da então nova joia tricolor. Com isso ele chamou a atenção para seu futebol, mas aí a

torcida e o público foram saber que o jogador não pertencia mais ao clube. Em 2017, foi artilheiro da equipe na base tendo uma ascensão meteórica de maio daquele ano em diante, pois era reserva e, depois que teve chances na equipe sub 20, não desperdiçou as oportunidades e desandou a marcar gols, mas nem assim os dirigentes à época se sensibilizaram e notaram que se tratava de um jogador diferente.

Com muitos acordos a serem cumpridos, o Fluminense já tinha "fatiado" o jogador e a promessa já não pertencia mais ao clube. A repercussão no final de 2018 foi bem ruim junto à torcida e o empresário Eduardo Uram, que é dono do Tombense, resolveu fazer uma "caridade" ao clube. Para não ser diretamente vendido ao exterior, ele compra os direitos federativos do jogador e empresta ao Fluminense junto ao Tombense-MG. Nessa transação o Fluminense fica com 5% do passe do jogador (antes tinha 20%), e mais a tal taxa de "vitrine" que, na minha visão serve para clubes pequenos e sem tradição no futebol, mas o Fluminense começava a aderir essa prática com mais frequência. Hoje, Evanilson é o grande ídolo do Futebol Clube do Porto e convocado para jogar a Copa América 2024 nos EUA com a Seleção Brasileira principal.

Foram apenas 28 partidas entre 2018 e 2020. Fez 11 gols e conquistou a Taça Rio 2020. No final de 2020 o atacante foi vendido por míseros 13 milhões de reais, isso mesmo: reais! E lembra, o Fluminense só tinha 5% do jogador, o que rendeu aos cofres do clube a esmola de R\$ 750 mil reais.

Essa ingerência no clube, diga-se de passagem, tem como personagens as mesmas pessoas desde 2013. Mário como gerente de futebol até 2016 e presidente desde 2019. E Paulo Angioni no clube desde 2015.

O último caso de jogador da base vendido que irei destacar é o de Luiz Henrique, hoje no Botafogo.

Jogador que começou bem no time principal, inclusive marcando gol em clássico contra o Botafogo. Teve momentos de instabilidade, mas se firmou definitivamente na equipe em 2021, sendo destaque absoluto na campanha vitoriosa do Carioca de 2022, até ser vendido de maneira absurda (venda anunciada em março antes do jogo de volta na Libertadores contra o Olímpia). No jogo de ida, o garoto de Xerém havia marcado um gol antológico na vitória de 3 a 1 no Engenhão.



A venda para o "poderoso" Real Bétis da Espanha rendeu oito milhões de Euros... Vocês lembram das vendas de Endrick do Palmeiras e do Vitor Roque citadas anteriormente? Pois bem, essa venda foi escondida da torcida e descoberta por um setorista espanhol que cobre o Betis, que confirmou a venda, trazendo mais uma vez à tona das vendas descabidas das joias da base para cobrir rombos. A política tricolor infelizmente prima pelas contratações de veteranos, muitas vezes improdutivas, caras e que nada retornam ao clube nem esportiva e tampouco financeiramente.

Voltando ao LH, mais um jogador de futuro se vai e com isso demoramos a suprir essa saída. Acabou nos rendendo uma eliminação na Pré-Libertadores, uma Sul-americana confusa e, com a recém chegada de um Diniz ainda inventivo e produtivo, mas um Brasileiro de altos e baixos que culminou numa terceira colocação, porém sem qualquer briga para ser campeão. Na Copa do Brasil, chegamos às semifinais, sendo destroçado por um comum Corinthians por 3 a 0.

Luiz Henrique sai do clube com esses números: 120 jogos e 14 gols.

Teve bons momentos no time de Sevilha mas não se firmou e foi comprado ano passado pelo Botafogo. A contratação mais cara do futebol brasileiro até o momento: 20 milhões de Euros.

Ou seja, o time espanhol teve um lucro de 12 milhões de euros nesse negócio.

Aí vocês vão dizer: “Mas caramba, somos os atuais campeões da Libertadores!”

Sim. E isso comemoramos muito o ano mágico de 2023. Aproveitamos bem a boa base formada por Fernando Diniz e mesclamos até certo ponto bem os jovens de Xerém como Martinelli, André, Alexander e John Kennedy, com os mais experientes como Fábio, Felipe Melo, Keno e Germán Cano. Claro, com auxílios luxuosos e precisos do jovem Nino e também do jovem Jhon Arias. Estes em grande fase técnica e física, nos seus auge.

Aliado a muito foco, determinação e claro com pitadas de sorte, chegamos ao bi do Carioca e também dessa falada Libertadores.

Por ora, as críticas ao desgoverno e as loucuras da diretoria são um pouco esquecidas e se vive um

delírio. Teríamos ainda o plus de jogar o Mundial de 2023. Lá derrotamos o egípcio Al Ahly a duras penas por 2 a 0, indo para a tão sonhada final do Mundial, onde levamos uma sonora goleada do Manchester City de Guardiola, que poderia ter nos servido de choque de realidade.

Chegamos ao ano de 2024 e o Fluminense parece querer desafiar o tempo, andando meio que no multiverso da história do futebol.

Contrata diversos jogadores bem acima de 30 anos de idade: Renato Augusto, Antônio Carlos e Douglas Costa, todos com status de titulares, fazendo a média da equipe ir nas alturas e, assim, subjugar de vez a nossa tão maltratada base.

Ainda falando das divisões de formação, não podemos esquecer que, nesses anos entre 2013 a 2024, diversos jogadores da base foram formados para servir ao nosso grande rival e o pior, ajudá-los a emplacar títulos entre 2019 a 2024. São eles Gerson, Pedro, Ayrton Lucas e Kennedy.

Para finalizar, voltando à realidade de 2024 o clube foca a conquista da Recopa, e a consegue a duras penas em duas partidas ruins contra a odiada

LDU, que não tinha jogado uma partida oficial na temporada.

A despeito de tudo isso, "perdemos" os zagueiros da base Luan Freitas, que foi emprestado ao Paysandu; Davi, de 19 anos destaque no sub 20 foi emprestado ao São José-RS e João Neto, excelente atacante, foi emprestado ao CRB para jogar a Série B e o Nordeste.

Luan Freitas foi campeão paraense e da Copa Verde pelo Papão, Davi é titular da equipe gaúcha e vem jogando bem. João Neto vem correspondendo no time alagoano e, na final da Copa do Nordeste, fez dois gols para o CRB na vitória em casa por 2 a 0 contra o Fortaleza.

Em tempo: Luan Freitas e João Neto eram destaques do Fluminense no início do ano onde o Fluminense jogou com a equipe alternativa em partidas do Carioca.

Acabamos mal no Estadual. Na Libertadores, terminamos com incríveis 14 pontos em primeiro lugar no grupo. Disse incríveis porque conseguimos jogar mal as seis partidas da competição, vencendo quatro e empatando dois. Isso se deve ao baixo nível das equipes no grupo

que, apesar de tradicionais, não passam por um momento bom.

Estamos nas oitavas da Copa do Brasil, ainda uma incógnita pois não sabemos nosso adversário, e na Libertadores iremos enfrentar o perigoso Grêmio de Renato Gaúcho. Essas partidas contra o time gaúcho somente acontecerão em meados de agosto.

O grande calcanhar de Aquiles hoje no Fluminense chama-se Brasileirão!

O Tricolor está em décimo quinto lugar, com sete jogos e seis pontos ganhos, tendo jogado muito mal também em várias partidas, vencendo somente o Vasco por 2 a 1 no Maracanã e, de novo, a duras penas...

Vivemos sempre no limite! Mesmo hoje em momento mais glorioso, o Fluminense não consegue se equilibrar na sua gestão.

Balancetes estranhos e fantasiosos. Vendas e negociações de jogadores jovens muito mal feitas, contratação de jogadores experientes que oneram a folha e acrescentam muito pouco esportivamente.

Thiago Silva e Marcelo são pontos fora da curva, excepcionais jogadores, atraem mídia e indiscutivelmente podem ser mais positivos do que negativos com suas presenças no elenco. O grande problema é a gestão. Esse é o grande problema do Fluminense.

O Fluminense tem bons números de arrecadação, tem um excelente faturamento mas gasta mal e aplica mal os recursos.

Os seus ativos que, na maioria são os garotos das base, são geralmente queimados dentro do próprio clube e negociados por valores pífios e não condizentes com a grandeza tricolor.

Paulo Roberto Andel diz uma coisa que acho muito certa: "A maior derrota hoje no clube além da má gestão, é a falta de senso crítico de parte da torcida". Concordo plenamente com isso. Precisamos acordar. O Fluminense hoje não pode se conformar com uma Libertadores.

Com a base que temos e com o que recebemos de receita, dá perfeitamente para bater de frente com os considerados papões do futebol brasileiro, Palmeiras e Flamengo.

O Fluminense é gigante, o Fluminense é grandioso.

A mentalidade precisa ser sempre igual, sempre!

## DESLUMBRAMENTO E CARÊNCIA

Tarciso Tertuliano Paixão

O deslumbramento de parte da torcida do Fluminense, apesar do péssimo desempenho em 2024, reflete uma relação complexa entre a paixão pelo clube, uma carência excessiva e uma necessidade latente de autoafirmação.

A maior parcela dessa geração de torcedores não viveu os tempos da famosa Máquina Tricolor, também não conviveu com o Clube no abismo da Série C. O último grande momento dessa torcida tinha sido no quadriênio 2009/2012, quando o time saiu de um provável rebaixamento em 2009 chegando ao título no ano seguinte, ganhando o apelido de Time de Guerreiros. A repetição da conquista em 2012 dava a impressão de que o Fluminense se tornaria uma potência do futebol sul-americano. Só que isso não ocorreu. O clube passou todo este longo hiato como um coadjuvante medíocre no cenário nacional e do continente.

Então veio o tão sonhado título da Libertadores em 2023. E com ele um deslumbramento até certo ponto aceitável. Era até então o mais importante título conquistado pelo clube nos últimos 11 anos, e respeitando-se as devidas proporções de contexto histórico, o maior título da história.



No entanto, esse deslumbramento passou a se tornar prejudicial quando levou a uma complacência com um desempenho insatisfatório.

Parte da torcida ficou cega às deficiências evidentes da equipe, optando por minimizar ou ignorar os problemas, por vezes agindo de maneira beligerante contra a parcela que passou a cobrar uma melhora de desempenho.

Uma blindagem exagerada com o treinador e alguns jogadores é exercida de maneira descarada, pouco importando os resultados negativos provenientes de péssimas escalações e desempenhos individuais sofríveis.

Este desempenho abaixo do esperado ocorre porque, na prática, a maioria das contratações de jogadores para substituir peças importantes não possuem as características necessárias para cumprir o papel em campo que o perfil tático do treinador impõe.

O futebol de Diniz se caracteriza por posse de bola, passes rápidos e curtos, aproximação dos jogadores preenchendo todos os setores de campo de maneira compacta.

Quando o Fluminense opta por jogadores em uma faixa etária caracterizada por um declínio natural da parte física, anda na contramão da própria filosofia de jogo.

Estes jogadores não conseguem cumprir as orientações táticas de Diniz, produzindo um desempenho aquém do que pretende o desenho

imaginado por ele. E ele tem parte da culpa, pois muitas das chegadas foram indicações pessoais suas.

É evidente então que esta atitude de complacência pela maior parte da torcida está colaborando para criar uma cultura de mediocridade, de apequenamento do Fluminense, onde a excelência é desencorajada em favor da aceitação do status quo.

Além disso, o deslumbramento dos torcedores pode ser explorado por dirigentes e jogadores como uma desculpa conveniente para a falta de sucesso. Em vez de enfrentar críticas construtivas e buscar melhorias significativas, a complacência da torcida pode alimentar uma mentalidade de conforto, onde o conformismo substitui a ambição.

Parte desta blindagem ultrapassa as quatro linhas e alcança treinador, auxiliares técnicos que praticam barbaridades, e mesmo dirigentes da instituição.

Nem mesmo vou ousar comentar balanços financeiros, destratos de Diniz com a imprensa e ofensas de auxiliar técnico à torcida: vamos nos limitar ao desempenho de campo.

O modelo de jogo ambicionado por Diniz inicia o jogo desde sua própria área de defesa, em tese, ampliando o tamanho do campo para criação de jogadas. Assim, de modo constante o próprio goleiro Fábio participa desta troca de passes na defesa.

O fato: durante toda sua carreira, desde os anos de categoria de base, Fábio jamais atuou desta maneira pelos clubes que passou, e precisaria de muito mais tempo para poder se aprimorar a ponto de não comprometer comentando falhas bizarras. Porém, o arqueiro não possui mais este tempo, pois sua idade avançada cria limitações naturais no aprimoramento de sua condição técnica e física.

Outro desequilíbrio é criado pelo próprio treinador ao optar por escalar na zaga Felipe Melo, por causa de sua facilidade em lançamentos longos. Como o jogo é iniciado de dentro de nossa área e conseqüentemente há um recuo das linhas, mesmo o acerto desse lançamento longo se mostra inútil, pois o time está praticamente todo no seu campo defensivo, anulando a própria alternativa de ataque. Soma-se a isso a dificuldade de Felipe Melo atuar em condições de igualdade com os ataques adversários, sendo diversas vezes superado por atacantes mais jovens, e expondo a defesa.

Diniz optou também por deslocar André e Martinelli para a zaga, teoricamente melhorando a saída de bola. Na prática, porém, sem eles, há um enfraquecimento do meio de campo, pois as peças escolhidas para ocupar o lugar dos dois não desempenham bem a parte defensiva e nem a ofensiva.

Renato Augusto, Terans, Ganso e Lima estão muito aquém do que o time precisa. Restando

como única alternativa ofensiva os esporádicos lances de genialidade de Marcelo. Este último apresenta qualidades ofensivas, porém, defensivamente não apresenta nenhuma segurança.

Arias e Marquinhos, que sobram como referências no ataque são prejudicados pela teimosia de Diniz. O colombiano, extremamente isolado, não consegue sozinho romper as linhas adversárias e a jovem revelação, emprestado ao clube, é deslocado para a lateral direita, onde além de jogar longe do gol adversário, tem deficiências defensivas, a exemplo de Marcelo, Guga e Samuel Xavier.

Cano, jogando contundido, é a cereja do bolo de teimosia de nossa comissão técnica, que além de tudo despreza John Kennedy primeiro nome para substituir o argentino.

Tudo isso contribui para a esquizofrênica condição em que se encontra o time. Classificado ao mata-mata da Libertadores com a quarta melhor campanha, nas fases finais da Copa do Brasil, mas flertando perigosamente com o rebaixamento no Brasileirão, sem apresentar até agora - meio do ano - um futebol minimamente convincente, apesar do apoio por assim dizer, doentio, de parcela considerável de nossa torcida.

No meio de todas estas complexidades, fica evidente que, para o Fluminense alcançar seu verdadeiro potencial, é essencial que a torcida equilibre seu amor pelo clube com uma exigência por excelência. Isso significa reconhecer e criticar

o desempenho abaixo do esperado, exigir transparência e responsabilidade da diretoria e apoiar medidas concretas para melhorar a qualidade do time e a gestão do clube como um todo.

Somente assim o Fluminense poderá transcender o deslumbramento superficial e alcançar novos patamares de sucesso e reconhecimento.

## DINIZ, VÍTIMA E ESCRAVO DAS PRÓPRIAS ESCOLHAS

Flavio Souza

Estamos já nos aproximando da metade do ano de 2024 e os torcedores do Fluminense, exceto os que amam e idolatram dirigentes ou treinadores, podem concordar que fora alguns lampejos em algumas partidas aqui e acolá o time ainda não convenceu ou fez brilhar o tal “Dinizismo” que encantou muitos no ano passado.

Creio não ser simples analisar o que vem acontecendo com as apresentações do time e certamente há múltiplas explicações para o que vem ocorrendo. Não foi de uma hora para outra que as coisas começaram a sair do prumo, Diniz e a direção do Fluminense tiveram atitudes ao longo do período que tiveram efeito no que temos assistido em campo. Pretendo aqui destrinchar, claro que de maneira resumida, o que avalio como mais relevante

O objetivo não é ser dono da verdade ou alimentar determinada narrativa, é apenas abrir um debate, de maneira que os tricolores pensantes possam

refletir e tirar suas próprias conclusões. Então vamos lá:

## OS VETERANOS

O Fluminense foi alvo no ano passado de críticas ácidas da imprensa especializada e de chacota pela grande maioria dos torcedores dos rivais pela montagem do elenco com bastante jogadores veteranos. Acabamos calando a boca dos críticos com a conquista da Libertadores, porém já foi possível observar a decadência física de alguns desses jogadores desde pelo menos a metade do ano passado.

Entre os veteranos temos Felipe Melo, por exemplo, que há muito não consegue jogar mais do que 45 minutos. Cano e Keno estão atuando abaixo do que já atuaram, principalmente no comparativo com a Libertadores. Já Ganso e Samuel Xavier, quando não estão contundidos, ainda têm bom rendimento. Marcelo parece estar no seu melhor momento físico desde quando voltou ao Fluminense, mas de forma geral estes jogadores que já eram veteranos no ano passado, além de obviamente estarem agora um ano mais velhos, estão frequentando o departamento médico com muito mais frequência que no ano passado.

## A UTILIZAÇÃO DA BASE

O Fluminense é formador de novos talentos e temos, ou deveríamos ter, disponíveis inúmeros jogadores que pedem espaço no time titular, mas que tem pouca ou nenhuma chance nas escalações. Diniz raramente dá oportunidade aos jogadores da base e existe um caso em específico que merece destaque pelo absurdo: John Kennedy. A não titularidade absoluta de JK é o melhor exemplo da teimosia e preferência do Diniz por alguns jogadores. JK é ativo do Fluminense, é jovem, foi absolutamente decisivo na conquista da Libertadores e está no auge da sua performance técnica e física mas não tem lugar no time, pois Cano e Keno tem vaga cativa, embora ambos estejam mal física e tecnicamente.

Entre os jogadores da base que estão ainda no elenco, Felipe Andrade foi o único que teve alguma chance. Outros como Arthur, Isaac, Kauã Elias e Callegari, depois do seu retorno, muitas vezes foram relacionados para as partidas e praticamente nunca foram utilizados. Outros jogadores como Luan Freitas e João Neto, que poderiam ser úteis no elenco atual, foram inexplicavelmente emprestados no início da temporada.



É no mínimo estranho o tratamento que a atual gestão do clube e o técnico dão a nossa base. Faz pensar se o que tem sido feito é ou não do melhor interesse econômico ou esportivo do Fluminense.

## ELENCO 2024

As contratações do início da temporada, que deveriam reforçar pontualmente uma ou outra posição, acabaram se transformando em um outro fator que vem atrapalhando o time. Após a saída do Nino era necessário contratar para sua reposição apenas um bom zagueiro, porém foram trazidos Antônio Carlos, Marlon, Renato Augusto, David Terans, Douglas Costa, Gabriel Pires, Jan Lucumi e Marquinhos. Entre todos o único que se destacou foi o Marquinhos, Jan Lucumi não teve ainda chance e todos os demais ou vivem no Departamento médico ou tiveram apresentações ruins.

Além disso, deixando de fora Jan Lucumi e Marquinhos, que não é jogador pertencente ao Fluminense, nenhum dos demais é jovem e outros podemos chamar até de ex-jogadores como Renato Augusto e Douglas Costa, de 36 e 33 anos respectivamente.

Além da despesa enorme com os salários altos desses jogadores eles acabam ocupando o espaço dos nossos jogadores da base pois acabam tendo sempre, e de forma pouco compreensível, sempre priorizadas sua escalação em desfavor dos jovens.

## ESQUEMA DE JOGO

O chamado “Dinizismo” se caracterizou majoritariamente por duas principais características: A chamada “saída apoiada” e pela organização “não posicional” dos jogadores em campo. Isso funcionou bem no ano passado, surpreendeu muitos adversários e nos proporcionou inúmeras vitórias, porém duas coisas aconteceram e fizeram com que o esquema fosse quebrado: A saída do Nino, que tinha muita importância na saída de jogo do time com sua habilidade, e o aprendizado dos demais treinadores em como anular o jogo do Fluminense.

Atualmente todos os técnicos adversários que observaram nossos jogos sabem que basta subir sua marcação e marcar a saída de bola do Fluminense para causar um verdadeiro salseiro na nossa defesa, seja roubando a bola ainda na nossa intermediária ou com nosso goleiro entregando gols tentando jogar com os pés.

O que causa espécie é que o nosso técnico insista nessa única maneira de sair com a bola, quando na verdade muitas vezes uma saída longa poderia desafogar nossa defesa e nos deixar lutar pelo rebote da defesa adversária. Porém o time parece completamente adestrado a repetir infinitamente e a despeito do sufoco que sofre e dos erros que cometem. Acredito que usar a saída longa algumas vezes poderia nos ajudar a desafogar e até mesmo surpreender os adversários.

## **SOBRE COMPORTAMENTOS**

Diniz é, segundo levantamento publicado na imprensa no final do ano passado, recordista em cartões amarelos e vermelhos e é frequentemente captado nas transmissões tratando os jogadores de maneira excessivamente rude. Quem na vida profissional já teve um chefe nervoso e impaciente como o Diniz sabe como esse comportamento nervoso do Diniz prejudica o desempenho do time. Isso quando não é simplesmente expulso e suspenso e o time tem que ser conduzido pelo seu assistente, outro que merece uma cornetada.

Eduardo Barros, que inexplicavelmente ocupa o lugar de Marcão como substituto de Diniz, já foi

flagrado batendo boca com torcedor, já foi deselegante com Tostão em redes sociais e puxa o saco do chefe chamando-o de Cruyff, recentemente em entrevista coletiva atribuiu à torcida da performance ruim do time.

Essa mentalidade vigente na comissão técnica de que eles são perfeitos e os erros são sempre dos jogadores ou até da torcida impede que façam as mudanças necessárias no time e no esquema tático.

Estamos ainda próximos ao meio do ano e há tempo ainda para reverter a longa sequência de más apresentações, porém pelo menos alguns destes problemas que listei precisam ser endereçados pelo técnico e pela direção do Fluminense. A insistência no modelo atual já começa a indicar que pode, eu digo PODE, nos levar a um desastre esportivo e conseqüentemente financeiro este ano.

Vamos torcer para que sejam tomadas as providências necessárias e que retomemos as boas atuações.

# CONSTATAÇÕES E PROPOSTAS DE UM TORCEDOR TRICOLOR

Fábio Côrtes

Se o Fluminense fosse um filme, teria o título inspirado em um clássico da literatura recente brasileira, mas com uma dose de cinismo e ironia: 2024 – O ano que não começou.

Sim, pois esta é a situação real do nosso amado time e clube, mesmo estando transcorridos quase seis meses do ano da graça de 2024. Senão, vejamos:

a) Uma participação sem brilho no campeonato estadual, preparado de mão beijada para o nosso rival novo rico, de onde só podemos extrair os brilhos fugazes de duas ou três partidas com o time alternativo, mais uns dois ou três primeiros tempos no restante do certame;

b) Uma participação tensa e opaca na fase de grupos da Libertadores, apesar da invencibilidade e da boa colocação final, pois penamos para superar três adversários que possuem lastro em seus países, mas que quase nada representam na atual conjuntura continental;

c) Uma participação nervosa e pouco produtiva nas duas partidas da Copa do Brasil, onde

pegamos um adversário frágil, que passa por momento pouco alvissareiro, mas que tinha plena consciência de nossas fragilidades e jogou com um time jovem, veloz e bem preparado fisicamente;

Isto sem contar a constelação de erros, equívocos e invencionices da comissão técnica mais nervosa do mundo, cujo titular, aqui chamado de professorzinho pardalzinho, já foi expulso 'n' vezes, e que é assessorado por um lampadinha queimada que já foi brindado mais de uma vez com o cartão vermelho do soprador de apito da ocasião. Equilíbrio zero, postura idem.

Claro, a conquista da Recopa Sul-americana, e em cima de nosso fantasma da primeira década do século, foi um alívio, um bálsamo para o corpo ferido e para a alma dilacerada que carregamos. Mesmo tendo que lembrar que já tínhamos feito um estrago nos famigerados, na casa deles, no longínquo 2017. Mas as duas partidas se desenrolaram sem grandes exhibições, apenas uma boa dose de garra. Que, aliás, ninguém sabe mais onde anda.

Evidente que não é possível dissociar o Fluminense do momento atual do nosso futebol, nacional e continental. Todos dos quais se espera alguma coisa na Libertadores passaram de fase em seus grupos. Pouco expressivos, em sua maioria. Os poucos grandes jogos registrados foram disputados com muita garra e apenas algum

brilho, o que, talvez, até se justifique pela obrigação de cumprir os seis jogos. Mas alguns ousaram um pouco mais. E nós não ousamos.

No âmbito brasileiro, o momento é de retomada, depois das alterações na tabela motivadas pelas cheias no Rio Grande do Sul. Aqui também falta um time luminoso. Algumas poucas exhibições de uns três ou quatro que ocupam o topo da tabela, mas sem encher os olhos. Só que é aqui que corremos os maiores riscos. Nossa incômoda posição na tabela de classificação indica, em letras garrafais e fosforescentes, que estamos em estado de alerta. Não há margem para mais erros.

Desde o início da temporada que alertamos para os riscos de se ter um elenco um ano mais velho, e que foi “reforçado” por figuras carimbadas pelos calendários. Alguns, verdadeiros ex-jogadores em atividade. Outros, pacientes contumazes do departamento médico, o que, até, já eram, mas vai-se explicar o trabalho do “scout” tricolor... Pelo menos o mais recente, Thiago Silva, goza de reputação de ser um atleta exemplar, que se cuida, que treina com dedicação, que é um pai e marido acima do que manda o figurino. Precisamos disso.

Mas as lágrimas escorrem com sangue pela desmontagem do elenco da base, sem qualquer chance de maturação no time de cima, sendo que alguns foram escondidos em times onde jamais terão oportunidades reais. Porque, quando têm,

mostram seus valores. Vide João Neto, pelo CRB, na final da Copa do Nordeste. Em quantas balas e mariolas estará fixado o valor dos direitos econômicos e federativos dele?

Porém, a vida do torcedor é insana. Por mais que estejamos furiosos, há um sentimento verdadeiro de paixão pelo CLUBE, pelo que a história do CLUBE carrega e representa. E cada um tem a sua própria expressão dessa paixão. Não adianta criar chavões e expressões banais para definir a si e aos outros, diminuindo estes.

O que esperar para o restante da temporada?

Primeiro, considerando a volta do Monstro, eu espero que a defesa seja reconstituída. Um zagueiro de altíssima qualidade, como ele, precisará, apenas, de um companheiro de futebol correto. O feijão-com-arroz básico, que permite ao craque fazer a diferença no tempero. E, claro, tentar fazer dos demais do plantel pelo menos um ou dois substitutos sem queda de rendimento. O principal problema está resolvido.

Segundo: resolver as laterais. Quem sabe o titular da lateral direita, agora exibindo uma vistosa cobertura capilar onde, antes, vicejava o desmatamento, não reencontra nos novos fios a sensibilidade para captar as boas energias que conduzem ao bom futebol? A lateral esquerda segue um problema. Será que o futuro-papai não



ganha um estímulo para construir uma história própria melhor e mostrá-la, com orgulho, ao herdeiro? Quero confiar que sim.

Terceiro: construir um meio de campo com quatro jogadores. André (se não for vendido), Martinelli, Alexander, Ganso e Marcelo (sim, eu o considero meia; que venham as pedras!) podem e devem compor um quarteto que alia juventude e vigor ao indiscutível talento. Só precisam treinar juntos.

Quarto: ataque com dois. Hoje, considerando que John Arias vai sair, seria Marquinhos pela esquerda e John Kennedy pelo meio, até para dar a devida recuperação técnica e física ao nosso Germán Cano.

Quinto: compor o time reserva com quem queira realmente se dedicar ao Fluminense. Mas nem aqui conseguimos ficar sossegados. Parece que vai haver uma volta de quem foi nos deixando de mãos abanando. Tem gente no Fluminense que não deixa os amigos ficarem tristes...

Sexto: não esqueci do gol. Vamos ver se as falhas de Fábio são por estresse de participações (afinal, ele jogou sem precisar usar os pés até o início de 2022). Espero que sim, e que, com um time mais equilibrado, a bola não precise ir e vir para ele. Mas há uma outra preocupação: treinar o reserva. O companheiro do treinador (e de seu empresário) não inspira a menor réstia de confiança. O terceiro

goleiro é uma incógnita. Na janela de transferência não virá outro. Não de primeiro time, pelo menos. O scout saberia de alguém disponível?

O realismo se impõe para desenhar um andamento de temporada para o segundo semestre. O que priorizar, sabendo que a composição do elenco não foi feita para enfrentar as pedreiras de três competições simultâneas? Entendo que as competições de mata-mata, por serem mais curtas, são as que permitem uma dedicação maior. Já temos definido o nosso rival, brasileiro, na próxima etapa da Libertadores. Viagem curta. Cansa menos. Ainda falta definir o rival da próxima fase da Copa do Brasil, mas a única viagem que exigirá um planejamento será para enfrentar o Ypiranga-RS em Erechim, se este passar pelo Atlético-PR.

Não que eu ache que o campeonato brasileiro seja abandonado. Mas creio que precisamos recuperar pontos neste mês e meio em que só ele estará sendo disputado, fugindo da parte de baixo da tabela, gravitando em uma órbita do oitavo ao décimo-primeiro lugar. Claro, evitando perdas de pontos em jogos simples e acompanhando as trajetórias de quem estará lutando mais à frente. Um dado favorável: os 14 brasileiros que começaram a disputa das competições sul-americanas permanecem na próxima fase. Ninguém será beneficiado, pelo menos não ainda. E 12 dos remanescentes da Copa do Brasil são da

Série A do brasileirão, com chances de serem 14. A mesma conclusão da segunda frase anterior.

Possível? Sim! Acontecerá? Talvez! Há rumos que precisam ser tomados, principalmente para que o Fluminense não caia na esparrela de um título só transformado em magnificência eterna. Se somos um time grande (e somos), temos que lutar por títulos sempre. Fica o recado.

Saudações tricolores, estas sim eternas como o clube!

## E O BRASILEIRÃO, AMIGOS?

Rafael Bosisio

Em 2024, o Fluminense completa 12 anos do seu último título do Campeonato Brasileiro e sem perspectiva – ao menos no momento atual – de brigar para conquistar a edição de 2024.

Realmente é inexplicável esse desprezo pelo Brasileirão. Por que membros da cúpula dirigente do clube e até mesmo torcedores normalizam essa situação? Inexplicável! Nos últimos anos, em especial de 2008 pra cá, o clube estava numa aflição pela conquista da Copa Libertadores da América e relegou o campeonato nacional, um dos mais disputados e equilibrados do mundo, muitas vezes para último plano.

Nesses últimos 12 anos, as campanhas do Fluminense oscilaram entre boas e ruins. A despeito das belíssimas trajetórias dos títulos de 2010 e 2012, em pelo menos três anos, 2013, 2017 e 2019, o clube brigou para não ser rebaixado para a série B – ressaltando que em 2013 escapou do rebaixamento devido à escalação irregular de jogadores de times rivais. Outros três anos, com colocações na segunda metade da tabela – 2015, 2016 e 2018; mais outros três anos

com colocações mais razoáveis, entre 7º e 5º - 2014, 2021 e 2023; e um terceiro lugar em 2022.

São resultados muito aquém da história do Fluminense, mas que mostram como o campeonato nacional foi inúmeras vezes deixado de lado, com escalação de reservas questionáveis ou de juniores, em nome de copas nas quais sequer conseguiu chegar a uma final – lógico, com exceção de 2023.

Em paralelo, seus rivais empilharam títulos do Nacional, que algumas vezes “caíram no colo” deles, exigindo somente interesse pelo campeonato e por conquistá-lo. Ah! Muitos dirão que esses títulos estão relacionados ao poder financeiro desses times e que não temos como disputar campeonatos de pontos corridos com nosso elenco curto, entre outras desculpas esfarrapadas, porém, essa é uma narrativa difícil de acreditar sem, no mínimo, questionar as prioridades das gestões do clube.

Ah! Mas nosso orçamento e o elenco são curtos! Também é outro discurso facilmente derrubado, basta analisar os pontos perdidos para times com o orçamento menor que o do Fluminense e que acabaram terminando o campeonato em posições acima do próprio Flu. Sem contar os pontos perdidos em jogos com escalações questionáveis,

contra times que acabaram em posições bem abaixo do Fluminense.

É um desinteresse nítido por parte das gestões do clube – passadas e atual – pelo Campeonato Brasileiro.

Muitos desses quase 500 jogos que o Fluminense disputou, entre 2013 e 2023, tiveram atuações displicentes, modorrentas e preguiçosas, com as mais diversas equipes entrando em alguns jogos “só para cumprir tabela”, mesmo em momentos em que o clube ainda estava disputando algo no campeonato, todo em nome das copas.

Ressaltando novamente que, mesmo priorizando, os inúmeros times que o Fluminense teve falharam em todos esses torneios de copas nesses anos. O clube só conquistou a Primeira Liga, em 2016, e, é claro, a Libertadores da América, em 2023. É pouco e isso não faz do Fluminense um time copeiro.

Enquanto o clube e sua torcida ainda estão inebriados pela histórica conquista do título da Libertadores 2023, o Brasileirão é deixado vergonhosamente de lado, com o time abrindo mão de, ao menos, disputar o título da competição, e optando por ser um mero coadjuvante de filme B, disputando os míseros 47 pontos para não ser rebaixado.

O Fluminense precisa urgentemente retomar o protagonismo na competição nacional. O clube e a torcida precisam entender que o campeonato brasileiro é tão ou mais importante que uma copa, pois ele projeta o clube nacionalmente como um clube forte e campeão. Não se pode correr o risco de ficar mais 26 anos na “seca” de um título nacional, enquanto os rivais cada vez mais aumentam a contagem.

Precisamos disputar e ganhar o Brasileirão!

É urgente!

## SOBRE PRINCÍPIOS E VALORES

Claudia Barros

Tem alguns conceitos que são muito mais do que só palavras. São princípios e valores.

A transparência é um deles. O interessado ou o beneficiado de qualquer instituição merece conhecer as ações executadas, assim como merece uma comunicação eficaz e responsável sobre a organização e o seu funcionamento institucional.

Participação é outro conceito fundamental. Tomar parte da coisa e se sentir partícipe da instituição não é mero recurso conceitual e linguístico. É a forma mais eficiente de envolver as pessoas e torná-las responsáveis pelas escolhas e decisões.

Por fim, a representatividade. Pode e deve, uma instituição que é patrimônio cultural de um país, ter representação expressiva na discussão dos seus interesses coletivos.

E tudo isso tem a ver com o Fluminense Futebol Clube. Entidade centenária, importante na história cultural, política e econômica do Brasil e que merece ter discutido, intensamente, o seu atual modelo de governança.



Por que falar de transparência, participação e representatividade?

Porque eu só vejo uma forma do Fluminense se transformar no clube de todos: transfigurando-se numa instituição na qual os seus sócios, espalhados por todo o Brasil, tenham o direito de participar das decisões relacionadas à política, ao patrimônio, às finanças e ao futuro do clube.

Aqui, elevo a bandeira que me seduziu há anos. A bandeira do voto online para presidente e, quiçá, para outras decisões importantes no Fluminense.

O voto online é meta. Mas é também a senha para falar de Fluminense sob um recorte temporal: janeiro a junho de 2024.

De campeão da Libertadores de 2023, do time que jogava o futebol mais vistoso do país, o Fluminense se transformou no medonho time cujo aproveitamento em campo está em torno de 25%, neste momento, no Brasileirão (após oito rodadas).

Tal situação tem proveniências. As invenções dinizistas; a troca de posição insana que o treinador faz dos jogadores; o comprometimento das funções bem executadas pelos jogadores, quando retirados das suas posições de origem; a desvalorização da prata da casa; a aparente depreciação de Xerém como fábrica de sonhos; o

esquema tático manjado e estanque, independente do adversário, do torneio e do local do jogo; a inépcia dos jogadores que mesmo tendo reconhecidos talentos individuais (nem todos, é verdade), não apresentam jogadas ensaiadas, não cobram faltas com perigo de gol; a média etária do elenco, alta em comparação com outros clubes brasileiros; a falta de coesão e de intensidade de jogo; a visível letargia dos jogadores em campo; a teimosia e a falta de controle emocional de Diniz; a síndrome de avestruz da gestão do Fluminense que simplesmente se esconde em momentos de crise.

Tudo isso parece explicar a má fase deste Fluminense do primeiro semestre de 2024.

O que ainda está sem explicação é o que a gestão tricolor está fazendo para reverter este quadro preocupante.

Saberíamos, ou pelo menos teríamos mais abertura caso o Fluminense tivesse uma gestão transparente.

Compreenderíamos e até defenderíamos se houvesse, dentro do clube, uma representatividade, um conselho moderno e atuante na gestão das conquistas e das crises institucionais.

Até perdoaríamos a má fase caso houvesse a certeza de que é só mesmo uma má fase, de que as escolhas técnicas do treinador são apenas técnicas, de que o vilipêndio sobre o patrimônio que são os jogadores da base é apenas incompetência gerencial e que Xerém, e seus garotos, são tão bem cuidados que todo moleque sonha em se profissionalizar no Tricolor.

Como o Fluminense não é, nem de longe, um clube transparente e tampouco afeto ao aumento da representatividade da torcida nos rumos da instituição, as explicações sobre o pavoroso futebol atual do clube permanecerão no campo das hipóteses.

Até porque é o que temos no momento.

Voto online já!

ISBN 9788591929962

Todos os direitos reservados © Junho de 2024

Vilarejo Metaeditora.

[www.vilarejometaeditora.com.br](http://www.vilarejometaeditora.com.br)

Paulo Roberto Andel e Zeh Augusto Catalano

Versão beta digital em cortesia, disponibilizada pelo site Panorama Tricolor com autorização dos autores e da Vilarejo Metaeditora.

CPF 944.276.317/20

Capa/contracapa: artes gráficas P. R. Andel.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-919299-6-2



9 788591 929962

**Você pode tercer, amar  
querer bem, sonhar, sonhar  
e ser feliz com seu time de  
coração, sem precisar passar  
pelo nem aplaudir sandices.  
É possível amar sem abanar  
o rabo, mas louvar Cazuta.**

**Ninguém é dono de  
Fluminense. Ninguém.**

